



Aproximações ao inconsciente no século XIX: a teoria de Balzac e o projeto de Freud⁽¹⁾

Fausto Calaça (UFMT)

Mirelle Braga Tumelero (UFMT)

RESUMO. A partir de uma análise comparativa de dois textos escritos no século XIX, estabelecemos uma discussão sobre a construção da noção de “inconsciente” e os seus efeitos na constituição do homem. O primeiro texto, publicado por Honoré de Balzac em 1833, oferece uma “teoria” que analisa as leis do movimento humano e o segundo, escrito por Sigmund Freud em 1895 e publicado em 1950, constitui-se como um esboço de uma psicologia científica anterior ao surgimento da Psicanálise. O romancista Balzac se aproxima mais de uma noção de inconsciente do que o jovem Freud que ainda se encontra fiel ao modelo da ciência médica.

PALAVRAS-CHAVE: Século XIX, Balzac, Freud.

Approach to the unconscious in the Nineteenth Century: Balzac's theory and Freud's project

ABSTRACT: Starting from a comparative analysis between two texts written in the nineteenth century, it is established a discussion on the construction of the notion of ‘unconscious’ and its effects on the constitution of man. The first text, published by Honoré de Balzac in 1833, offers a ‘theory’ that analyzes the laws of human motion, and the second one, written by Sigmund Freud in 1895 and published in 1950, features an outline of a scientific psychology before the emergence of Psychoanalysis. The novelist Balzac is closer to a notion of unconscious than young Freud, who is still faithful to the model of medical science.

KEYWORDS: Nineteenth Century, Balzac, Freud



Une idée neuve est plus qu'un monde; elle donne un monde, sans compter le reste. Une pensée nouvelle! quelles richesses pour le peintre, le musicien, le poète!

(Balzac, 1833)

Parece impossível não falar de psicanálise a propósito de qualquer romance de Honoré de Balzac (1799-1850). Em acordo com Anne-Marie Baron (2003), diríamos que os leitores de Sigmund Freud (1856-1939) podem reconhecer na **Comédia Humana** uma encenação quase cinematográfica dos fantasmas do inconsciente. Comparações entre as obras destes dois autores podem promover novas formas de recepção e de apreensão tanto das formulações freudianas quanto das narrativas balzaquianas. Podem contribuir para o desenvolvimento de uma visão histórica da construção de conceitos a respeito da subjetividade e da constituição do sujeito. Podem, enfim, insistir na possibilidade de se pensar que a nossa subjetividade – aquilo que somos; aquilo que acreditamos ser – se produz, em parte, pelos processos e mediações que estão presentes nas relações entre o homem biológico e as expressões culturais (neste caso, literárias e psicanalíticas) deste homem. Ou, pelos processos e mediações presentes nas relações entre as representações e as coisas representadas, considerando – na perspectiva do ensaio de Michel Foucault (1968) – que representar significa re-apresentar, apresentar novamente e criativamente a coisa representada; que a nova apresentação de alguma coisa perturba a “verdadeira” apresentação desta coisa, possibilitando, assim, uma nova constituição desta coisa.

Inspirados nesta perspectiva criadora e articuladora das produções literárias com as psicanalíticas e na ideia de que somos, em parte, “reinventados” por Balzac e Freud, analisamos algumas fronteiras existentes entre a literatura e a psicanálise e estabelecemos uma certa relação de continuidade entre elas. Nossa intenção não é de fazer de Balzac um precursor de Freud. Muito menos de dizer que Freud revelou o que já estava ilustrado nos romances balzaquianos. Mas, de estabelecer aproximações entre diferentes criações textuais que nos parecem discursar sobre um tema em comum: os mecanismos não conscientes das ações humanas. Transitando nas fronteiras da literatura com a psicanálise, analisamos um certo “espírito psicanalítico” que atravessava a vida dos homens de letras e dos homens de ciências no século XIX. Neste trânsito, valorizamos o caráter ficcional do conhecimento que é produzido pela Psicanálise e o certo “espírito literário” que percorre toda obra freudiana. Abordamos uma memória do movimento psicanalítico: de momentos anteriores da sua constituição como psicanalítico – ou seja, antes da publicação da **Interpretação dos Sonhos** no ano de 1900 – aos primeiros traços teóricos que surgem na primeira década do século XX.



Por que o século XIX? Partimos do pressuposto articulado por diferentes autores – dentre eles, destacamos os trabalhos de Souza (2001), Kehl (2001), Sampaio (2002), Kon (2003), Viana (2009) – de que a Psicanálise não só inaugura um novo discurso sobre a subjetividade, bem como inaugura um novo sujeito para o século XX. No século anterior, o discurso romanesco re-apresentava a subjetividade do homem moderno e interferia na constituição deste, tornando-o um homem romanesco. No século XIX, homens de letras e homens de ciências traziam para suas elucubrações diversas possibilidades para constituir um saber sobre as motivações irracionais da vida humana; para constituir um conhecimento sobre o não-conhecido em nós mesmos; uma razão para a des-razão; uma nova consciência para o que está fora da consciência; ou, em termos psicanalíticos, uma teoria do inconsciente. É claro que não podemos reduzir o século XIX a uma tendência uniforme de busca de conhecimento, pois, a cada década identificamos novos movimentos e novas linguagens que tanto deram origem às ciências humanas como proporcionaram novas tendências de crítica literária. No entanto, é fácil reconhecer os temas centrais da obra freudiana no contexto das experimentações e invenções no decorrer de todo século XIX e reconhecer a sua intimidade com as questões que se apresentam na literatura desta época.

Freud e a criação literária

Desde suas primeiras elaborações teóricas, Sigmund Freud faz não só referência à criação literária como também se apoia nela para dar forma ao seu objeto de estudo. Num dos extratos dos documentos dirigidos a Wilhelm Fliess (1858-1928, médico alemão) em 1897 (**Rascunho N**, intitulados **Poesia e Fine Frenzy**), Freud comenta que “o mecanismo da criação literária é o mesmo das fantasias histéricas”. O inventor da Psicanálise realça sua afirmação ao ressaltar que Shakespeare tinha razão ao justapor a poesia e a loucura. Em outro extrato de documento (a **Carta 71**) dirigido a Fliess, Freud faz referência às famosas obras de Sófocles e Shakespeare – **Édipo Rei** e **Hamlet** – e suas forças avassaladoras na fundação do sujeito ocidental moderno. Admite que a lenda grega capta uma compulsão que todo sujeito pode reconhecer porque sente sua presença dentro de si mesmo. Na plateia, cada um “reconhece” que foi um dia – em fantasia – um Édipo, e cada qual recua, horrorizado, diante da possibilidade de realização de um sonho em realidade ali transposto na dramatização com toda carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual (ele se refere à possibilidade do incesto e do parricídio). Juntamente com suas hipóteses iniciais sobre a tragédia edípiana, Freud também registra nesta carta uma ideia sobre a possibilidade de também sermos influenciados pela tragédia de Shakespeare,



especialmente pelos dilemas do personagem Hamlet. Ele esclarece que a intenção do autor não é consciente, mas acredita que algum evento real tenha instigado o poeta à sua representação, no sentido de que o inconsciente de Shakespeare compreendeu o inconsciente de seu herói. Assim, também os leitores ou a plateia “compreendem” o inconsciente do herói em cena quando se veem incomodados com a tragicidade da obra.

É também se apoiando na Literatura que Freud elabora uma das noções mais conhecidas da psicanálise: o Complexo de Édipo. O enredo da peça teatral de Sófocles é adaptado ao seu sistema de pensamento e se constitui como uma das principais referências literárias da Psicanálise. Tão associado à Psicanálise que nos é incomum vislumbrar outras leituras desta tragédia grega, como, por exemplo, uma leitura romântica do personagem Édipo Rei, pensando assim, em um “Édipo Romântico” como o fez Pierre Laforgue (2002). Poderíamos também ensaiar uma leitura de Édipo segundo Platão, ou Santo Agostinho, ou Descartes, Marx, etc. Assim teríamos um Édipo Platônico, Édipo Cristão, Édipo Cartesiano, Édipo Marxista.

Na extensa obra freudiana, encontramos vários ensaios, artigos, conferências, estudos de caso, críticas literárias, etc., que se propõem a constituir o saber psicanalítico articulado com a criação literária. Essa é uma das características essenciais que fazem da Psicanálise uma abordagem que não é “propriedade” dos psicólogos, ou médicos, ou filósofos, educadores, ou de qualquer outra área. Desde sua criação, a Psicanálise se constituiu como uma forma de pensar a cultura, a estética, a moral e a ética, a sexualidade, a morte, o real. A relação que ela estabelece com a clínica é tão relevante quanto aquela que estabelece com a literatura, constituindo-se, assim, como um método crítico de análise literária.

Em **Delírios e Sonhos na *Gradiva de Jensen***, o primeiro trabalho de análise literária publicado por Freud, ele afirma – inspirado em Shakespeare – que “os escritores criativos são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois, costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais a nossa filosofia ainda não nos deixou sonhar” (FREUD, 1907, p. 20). Neste trabalho, ele observa que a Literatura produz um tipo de conhecimento (dramático/poético, e não epistemológico) sobre a humanidade, o qual se diferencia do conhecimento científico. Ao comparar o trabalho do cientista/médico com o trabalho do poeta/escritor, Freud comenta: “provavelmente bebemos na mesma fonte e trabalhamos com o mesmo objeto, embora cada um com seu próprio método” (p. 83). Cientistas e poetas se interessam pelo estudo do inconsciente. O poeta/escritor é capaz de expressar o seu inconsciente por meio da arte e o cientista/médico procura explicar e determinar as leis do seu funcionamento: “a conclusão evidente é que ambos, tanto o escritor como o médico, ou com-



preendemos com o mesmo erro o inconsciente, ou o compreendemos com igual acerto” (p. 84).

Vemos, assim, o escritor/poeta como um “outro” para o psicanalista que constitui o seu trabalho, conseqüentemente entre ciência e arte. Na discussão do caso da Srta. Elisabeth Von R., publicado no livro **Estudos sobre Histeria** juntamente com o médico Josef Breuer, em 1893-95, Freud comenta que seus estudos apresentam características de contos. E justifica dizendo que o modelo literário contribui mais para a análise do inconsciente do que o modelo da ciência médica:

(...) Como outros neuropatologistas, fui preparado para empregar diagnósticos locais e eletroprognósticos, e *ainda me causa estranheza que os relatos de casos que escrevo pareçam contos e que, como se poderia dizer, falta-lhes a marca de seriedade da ciência*. Tenho de consolar-me com a reflexão de que *a natureza do assunto é evidentemente a responsável por isso, e não qualquer preferência minha*. A verdade é que o diagnóstico local e as reações elétricas não levam a parte alguma no estudo da histeria, ao passo que *uma descrição pormenorizada dos processos mentais, como as que estamos acostumados a encontrar nas obras dos escritores imaginativos*, me permite, com o emprego de algumas fórmulas psicológicas, obter pelo menos alguma espécie de compreensão sobre o curso dessa afecção. (Itálicos nossos; FREUD, 1893-95, p.183)

De Balzac a Freud

Constituindo-se na primeira metade do século XIX (no contexto de profundas transformações sociais seguido da Revolução Francesa), a obra de Honoré de Balzac “se situa no meio do caminho entre os dogmas [do Antigo Regime] dos quais ele não adere mais e uma teoria que ainda não existe, mas, cujo Romantismo está jogando as bases sob a forma de questionamentos” (MOZET, 2003, p.52). Ele escreve no contexto onde não existem ainda bases suficientes para se construir uma nova teoria do homem, uma nova teoria da sociedade, da cultura, da história, da arte, ao contrário, como vimos, da “obra de Sigmund Freud [que] aparece em um momento em que é possível uma teorização que seria impensável na época de Balzac” (p. 53). Seguindo esta linha de pensamento, consideramos que a Psicanálise se constitui como uma peça essencial da história de um século trabalhando para constituir novos saberes sobre a humanidade, recusando a noção de Deus como fundamento ou referência para se conhecer.

Segundo Baron (2003), personagens da **Comédia Humana**, tais como o pai Goriot, Eugénie Grandet, Rastignac e Lucien de Rubempré,



estão presentes em nosso universo mental assim como personagens das **Obras Completas de Sigmund Freud**, como Anna O., Dora, o presidente Schreber e o Homem dos Ratos. Interessados em re-apresentar os mais diversos conflitos humanos, Balzac e Freud são criadores de seres ficcionais que possibilitam a nossa identificação. A autora aponta que o universo ficcional de Balzac possui uma base científica, uma vez que ele repousa sobre a teoria unitária da energia, exposta adiante, algo perceptível em todos os seus romances. Por sua vez, no texto de Freud identificamos os traços da narrativa romanesca. Esta seria uma marca principal que torna a obra freudiana tão próxima da balzaquiana.

Tomemos o conceito básico da Psicanálise: o inconsciente. Freud elaborou uma noção de inconsciente que serviu de pressuposto geral para toda sua obra. Em Balzac – assim como em tantos outros intelectuais do século XIX – também encontramos noções de inconsciente: em especial, concepções românticas de inconsciente. Vale destacar que, no dicionário **Nouveau dictionnaire de la langue française** do século XIX, a palavra “inconsciente” não aparece, sendo que a palavra “consciência” é definida como “sentimento interior pelo qual o homem se torna testemunha a ele mesmo do bem e do mal que ele faz” (LAROUSSE, 1878, p. 131). É por meio do trabalho dos romancistas que a ideia de “inconsciente” se constrói e se constitui como fundamento básico para uma nova teoria do homem. Anterior a esta construção, o “inconsciente” se referia à incapacidade humana de reconhecer em si mesmo o bem e o mal que se faz. Uma noção um tanto religiosa que será substituída por uma visão romântica e, então, adequada à visão psicanalítica.

A teoria de Balzac e o projeto de Freud

Em 1833, Balzac publica na revista **L'Europe Littéraire**, um estudo analítico intitulado **Théorie de la démarche** (BALZAC, 1981). No formato de texto jornalístico – e com boa tonalidade de humor – este ensaio tem como tema central o “movimento”: palavra que expressa a teoria da energia existente em toda obra balzaquiana. O autor analisa a relação homem-interior/homem-exterior a partir da observação da *démarche* humana. Na língua portuguesa, a palavra “*démarche*” significa ação realizada com empenho e diligência; esforço, providência. Em língua francesa, significa maneira de andar, modo pelo qual o espírito progride em sua atividade. Enquanto que, em português, “*démarche*” (aparece desse modo registrada no **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**) tem sentido de ação já realizada, em francês, tem sentido de ação que está em processo e que se expressa somente pelo corpo. Assim, *démarche* significa forma de se conduzir no mundo, na relação com os outros; modo de se apresentar na via pública. No texto balzaquiano, *démarche* adquire



um sentido ainda mais amplo: refere-se a toda aparência da pessoa; a sua forma de se vestir, de compor sua *toilette*; a expressão facial; a composição do papel social; a forma de falar, de sentar, de ficar parado, de olhar. Enfim, todo ser do homem se constitui pela *démarche*. A análise deste tema no texto balzaquiano se refere justamente ao estudo da enenação individual, da apresentação de si mesmo. É por meio desta investigação que ele analisa as supostas causas internas, as motivações desconhecidas, a energia humana que determina o que uma pessoa é.

Instigados pela complexidade deste ensaio de Balzac, realizamos um estudo sobre a noção de “inconsciente” no século XIX comparando-o com alguns fragmentos do texto **Projeto para uma Psicologia Científica**, de Sigmund Freud, escrito em 1895. É importante observar que estamos abordando aqui parte da produção intelectual do jovem Freud, anterior à Psicanálise. Frente aos seus antigos rascunhos, o criador da Psicanálise se posiciona mais tarde afirmando que não se tratam de um conhecimento psicanalítico, mas, apenas de esboços. O **Projeto para uma Psicologia Científica** fazia parte dos rascunhos dirigidos exclusivamente ao seu amigo Wilhelm Fliess. Estes documentos ficaram esquecidos e bem guardados até que algum tempo depois da morte de Freud, em 1950, foram publicados. Após uma organização de alguns extratos desses documentos, o material foi transformado no texto que encontramos hoje no primeiro volume da edição *standard* da Editora Imago.

Balzac oferece uma teoria. Freud, um projeto. O primeiro oferece um discurso literário e o segundo um discurso científico sobre um mesmo problema: o inconsciente. Sem esquecer, é claro, que não estamos falando do inconsciente no sentido psicanalítico, mas, de duas noções que se encontravam em processos de formulação. Balzac se fantasia de cientista para realizar um estudo sobre a alma. Sua escrita, plena de ironia e de formulações hipotéticas, está enriquecida de argumentos precisos que fazem referência ao método da observação:

Sem outro recurso senão o da intuição, que nos valeu mais conquistas que todos os senos e cossenos da ciência, e sem me preocupar com as provas ou com o *quê dirão*, decidi que o homem podia projetar para fora de si, através de todos os atos devidos a seu movimento, uma quantidade de força que devia produzir um efeito qualquer em sua esfera de atividade. Quantas manifestações luminosas nessa fórmula simples! Teria o homem poder de dirigir a ação desse fenômeno constante no qual não pensa? (BALZAC, 1833, p. 109).

Neste fragmento de texto, Balzac faz referência à noção de energia que mobiliza e transforma todo indivíduo e toda sociedade. Esta “quantidade de força” se aproxima da mesma noção de energia que aparece na obra de Freud após a constituição da Psicanálise: a pulsão (*Trieb*). A força



ou pressão – fator de motricidade – faz o organismo tender para um objetivo que consiste na supressão do estado de tensão. No **Projeto para uma Psicologia Científica**, Freud supõe que, na vida psíquica, há uma tendência a evitar o desprazer: “ficamos tentados a identifica-la com a tendência primária à inércia” (FREUD, 1895, p.364). Em Balzac, o objetivo consiste em “produzir um efeito qualquer em sua esfera de atividade”, algo semelhante à teoria psicanalítica. No entanto, se comparamos apenas estes dois textos – que obviamente não representam toda imensa e complexa obra de Balzac e de Freud – verificamos que o romancista privilegia o “movimento” enquanto que o jovem médico privilegia a “inércia” como objetivos da força energética do organismo. Observamos ainda que Balzac, ao questionar se o homem teria poder de dirigir a ação desse fenômeno constante no qual não pensa, as fronteiras entre o seu ensaio e o pensamento freudiano parecem se confundir.

Em outro fragmento, Balzac faz referência a Lavater (1741-1801), criador da Fisiognomia – ciência que estudava a personalidade das pessoas por meio da análise dos traços fisionômicos: “a *démarche* é a fisionomia do corpo” (2), “tudo em nós corresponde a uma causa interna” (BALZAC, 1833, p. 97). É interessante observar o seu comentário sobre a obra deste cientista:

Levado pelo amplo andamento de uma ciência que erige em arte distinta as observações relativas a cada uma das manifestações particulares do pensamento humano, era-lhe impossível desenvolver a teoria do mover-se [da *démarche*], que ocupa um pequeno espaço em sua tão magnífica e prolixa obra. (BALZAC, p. 1833, p. 97)

Aqui, o romancista se expressa como um cientista que critica os “erros” dos demais. Tomando este comentário, observamos que é possível estabelecer uma relação de continuidade ou de proximidade de objeto de estudo entre Lavater, Balzac e o jovem Freud: todos buscam por uma compreensão dos processos subjetivos ao analisarem o organismo humano; todos experimentam diferentes formas de criação de uma psicologia. Balzac também demonstra uma visão histórica das elaborações teóricas ao comentar que, no contexto de Lavater, não era possível a construção de uma teoria da *démarche*. Ademais, Balzac ainda comenta sobre a sua ousadia em propor uma teoria da *démarche*. Este mesmo tipo de ousadia também será expresso por Freud no decorrer de diversas conferências e artigos:

Essa *teoria* [da *démarche*] não poderia ser feita senão por um homem suficientemente ousado para permanecer sem temor ao lado da loucura e sem medo ao lado da ciência. [...] Coloco-me no ponto exato em que a ciência aproxima-se da loucura, e não posso por parapeitos (BALZAC, 1833, p. 102-103).



Também parecido com o estilo freudiano, Balzac se propõe a estudar os “abismos” das forças vitais, recusando seguir o estilo dos cientistas da sua época:

E fui atraído pelos cientistas que há pouco se ocuparam das forças vitais. Mas, por infelicidade, todos se parecem com o geômetra que toma de sua toesa e calcula o abismo. Quanto a mim, eu desejava ver o abismo e dele conhecer todos os segredos (BALZAC, 1833, p. 116).

O texto do jovem Sigmund Freud se constitui como um artigo de neurologia que procura analisar, descrever e explicar alguns mecanismos do funcionamento psíquico. O texto segue fielmente o modelo das ciências da natureza. Na parte inicial lemos o seguinte:

A intenção é prover uma psicologia que é ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição. Duas são as ideias principais envolvidas: [1] A que distingue a atividade do repouso deve ser considerada como Quantidade de energia do mundo externo, sujeita as leis gerais do movimento. [2] Os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais. (FREUD, 1895, p. 347)

Sua abordagem é nitidamente marcada pela ciência médica. Neste projeto, o psiquismo deverá ser teorizado com fundamentos físicos e passíveis de quantificação, evitando qualquer margem de expressão subjetiva do autor. No fragmento acima, Freud faz referência às relações movimento/repouso e homem-interior/homem-exterior: em termos balzaquianos, seria uma referência à teoria da *démarche*. Este estudo neurológico tem como objetivo de construir uma psicologia como ciência natural, que possa servir tanto ao entendimento das psicopatologias quanto da vida psíquica normal. O material de análise do texto freudiano se constitui pelos dados observados no tratamento de seus pacientes neuróticos. Estes compõem o seu campo de observação.

Balzac, de certa forma, por não estar tão “preocupado” em provar tudo o que dizia, estabelecendo assim uma poética da sociedade, utiliza-se dos bulevares parisienses como campo de observação a fim de estudar a linguagem dos transeuntes, de modo a descobrir os vícios da sociedade. Ele se propõe a investigar quais são as “leis pelas quais enviamos mais ou menos força do centro às extremidades; de adivinhar onde Deus colocou, em nós, o centro desse poder”



(BALZAC, 1833, p. 111). Enfim, investigar as leis dessa “força viva que desejava ter seu lugar” (*Ibid.*).

Ao traçar o esboço de uma teoria psicológica geral, descrita em termos neurológicos, Freud escreve que o psiquismo humano deve ser tomado como um aparelho e que os movimentos próprios a esse aparelho podem ser compreendidos como quantidade de energia ou excitações que se deslocam. No entanto, ele observa que toda teoria psicológica precisa satisfazer mais um requisito fundamental:

Elas tem que nos explicar tudo o que já conhecemos, da maneira mais enigmática, através de nossa “consciência”; e, uma vez que essa consciência nada sabe do que até agora vimos pressupondo – quantidades e neurônios –, também terá de nos explicar essa falta de conhecimento. (FREUD, 1895, p. 360)

Esforçando-se para criar uma psicologia científica, ele reconhece os limites da consciência. Na seguinte citação, aparece uma premissa fundamental: a consideração de que é necessário conceber um inconsciente, mas, que este deve ser descrito em termos biológicos.

Estivemos tratando os processos psíquicos como algo que pode prescindir dessa percepção da consciência, como algo que existe independente dela. Estamos preparados para constatar que alguns de nossos pressupostos não são confirmados pela consciência. Se não nos deixarmos nos confundir por causa disso, verificaremos, a partir do postulado de que a consciência não nos fornece conhecimentos completos nem fidedignos sobre os processos neuronais, que estes devem ser considerados em sua totalidade, antes de mais nada, como inconscientes, e que devem ser inferidos como os demais fenômenos naturais. (FREUD, 1895, p. 360)

A escrita de Balzac – sendo ele um mestre da invenção de realidades por meio da própria escrita – é livre e criativa. O romancista não tem medo de errar e, muito menos, por deslizes, de se contradizer.

O mover-se [a *démarche*] é a fisionomia do corpo. Não é terrível pensar que um observador profundo pode descobrir um vício, um remorso, uma doença ao ver um homem em movimento? Que rica linguagem nesses efeitos imediatos de uma vontade traduzida com inocência! A inclinação mais ou menos viva de um dos nossos membros, a forma telegráfica, da qual ele contraiu, apesar de nós, o hábito, o ângulo ou o contorno que fazemos descrever são marcados



por nosso querer e possuem uma terrível significação. É mais do que a palavra, é o pensamento em ação. Um simples gesto, um tremor involuntário dos lábios, pode se tornar o terrível desfecho de um drama escondido durante muito tempo entre dois corações. (BALZAC, 1833, p. 125)

Eis um estilo de escrita que o tímido jovem Freud deverá adquirir após a publicação da **Interpretação dos Sonhos**. O corajoso Balzac sabe que o homem se contradiz o tempo todo por acidente, por descontrole de si mesmo. Ele “sabe” que o homem não é senhor da própria razão e que este se trai quando deixa escapar certos movimentos, gestos, lapsos de fala – conforme Freud. Interessante observar que, ao redigir um código para as pessoas causarem boas impressões sobre si mesmas – indicando modos mais articulados de se comportar que disfarcem o que se pensa e sente, evitando transparecer em seus movimentos – nas relações com os outros, Balzac também informa que isso é impossível, pois, o ser humano é marcado por querer desconhecidos de si mesmo e isso é determinante na dinâmica da vida. Daí, retornamos à grande questão do ensaio balzaquiano: “teria o homem poder de dirigir a ação desse fenômeno constante no qual não pensa?”.

Considerações finais

A impressão que nos causa ao compararmos as duas teorias (a **Teoria** balzaquiana e o **Projeto** freudiano) é que ambos se referem a processos inconscientes, mas, que Balzac se aproxima muito mais de um universo psíquico inconsciente do que Freud, que, ao falar de um movimento inconsciente, diz isso se referindo a movimentos neuronais “inconscientizados”. Temos a impressão de que Balzac está mais próximo daquilo que seria o objeto de estudo da Psicanálise do que o Freud autor do texto **Projeto para uma Psicologia Científica**. Isso se justifica pelo momento em que este último se encontra (anterior à Psicanálise) e pelo caminho escolhido para fazer ciência que, em outro momento, tomará uma direção diferente: a psicologia neurobiológica descritiva se tornará uma metapsicologia.

Ao apresentar a sociedade uma nova teoria do homem, Freud está, ao mesmo tempo, interferindo – inter-ferindo: no sentido mesmo de “ferir” nas relações – nas formas de constituição deste homem. Em outros termos, consideramos que não há um homem que possa ser analisado sem a interferência desta análise na sua constituição. Tornamo-nos homens românticos a partir das significativas experiências estéticas vividas na nossa relação com a criação artística do Romantismo, assim como nos tornamos homens psicanalíticos a partir de processos de identificação – ou mesmo, a partir de experiências estéticas – frente aos conceitos



criados pela Psicanálise. Eis uma perspectiva “artificialista” da nossa subjetividade: as representações precedem as apresentações. Somos constituídos pelos processos e mediações presentes nas nossas relações com as representações artísticas e científicas (poderíamos estender esta discussão para outras dimensões, a saber: religiosas, políticas, econômicas, metafísicas, etc) de nós mesmos.

Ao utilizar-se da criação literária para compor a Psicanálise, Sigmund Freud não só aproveita os traços e os estilos da escrita literária, mas, essencialmente, compõe uma teoria para o homem que já tinha sido recriado pela Literatura do século XIX. Da mesma forma, a noção de inconsciente que aparece nos textos freudianos de 1900 a 1939 se configura como uma nova linguagem para os processos não conscientes outrora construídos pela Literatura.

Referências

BALZAC, Honoré de. A teoria do mover-se [1833]. In: BALZAC, H. **Tratados da vida moderna**. Tradução, notas e posfácio de Leila de Aguiar Costa. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

BALZAC, Honoré de. « Théorie de la démarche » [1833]. In : BALZAC, H. **La Comédie humaine**, édition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Paris : Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, tome XII, 1981.

BARON, Anne-Marie. L'Homme miroir. In: DIAZ, José-Luiz & TOURNIER, Isabelle. **Pensar avec Balzac**. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot, 2003.

FOUCAULT, Michel. Isto não é um cachimbo [1968]. In: **Ditos & Escritos III. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Organização de Manoel de Barros da Motta. Tradução de Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

FREUD, Sigmund. Delírios e Sonhos na “Gradiva” de Jensen [1907]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição Standard Brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Volume IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria [1893-1895]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Volume II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma Psicologia Científica [1895]. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Traduzido do alemão e do inglês sob a direção de Jayme Salomão. Volume I. Rio de Janeiro: Imago, 1996.



KEHL, Maria Rita. Minha vida daria um romance. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). **Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KON, Noemi Moritz. **A Viagem: da literatura à psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LAFORGUE, Pierre. **L'Œdipe romantique. Le jeune homme, le désir et l'histoire en 1830**. Grenoble: Ellug, 2002.

LAROUSSE, Pierre. **Nouveau dictionnaire de la langue française**. 43^a édition. Paris : Libraires Éditeurs, 1878.

MOZET, Nicole. Balzac, **le XIX^e siècle et la religion**. In: DIAZ, José-Luiz & TOURNIER, Isabelle. **Penser avec Balzac**. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Piro, 2003.

SAMPAIO, Camila Pedral. A incidência da literatura na interpretação psicanalítica. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). **Psicanálise, Arte e Estéticas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

SOUZA, Eneida Maria. Madame Bovary somos nós. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). **Psicanálise, Literatura e Estéticas de Subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

VIANA, Terezinha de Camargo. Psicanálise, arte e literatura: começo de conversa. In: **Fronteiras em Psicanálise**. ZANELLO, V., CARNEIRO, C. & CAMPOS M. N. (Org.). Guarapari-ES: Ex Libris, 2009.

Recebido em maio de 2011

Aceito em junho de 2011

Fausto Calaça

Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e do Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso. Realiza pesquisas no *Groupe International de recherches balzaciennes* da Université Diderot-Paris 7. faustocalaca@gmail.com

Mirelle Braga Tumelero

Bolsista do PIBIC/CNPq. Estudante do 5^o ano do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso. mirellebt@hotmail.com

Notas

(1) Este trabalho é resultado parcial da pesquisa *Balzac, Freud e o inconsciente no século XIX*, cadastrada na PROPeq/UFMT, concluída em julho/2011, vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

(2) Na tradução de Leila de Aguiar Costa a palavra francesa *démarche* foi traduzida por "mover-se". Optamos por não traduzi-la visando conservar o sentido desta palavra que já comentamos em páginas anteriores deste artigo.